

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ARIMAX MARQUES DE MESSIAS

Podcast & Sociologia: Contribuições para o processo de ensino-aprendizagem

MACEIÓ

2021

ARIMAX MARQUES DE MESSIAS

Podcast & Sociologia: Contribuições para o processo de ensino-aprendizagem

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO COMO REQUISITO
PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS,
PELO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
– ICS, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALAGOAS – UFAL, SOBRE
ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DR.
JÚLIO CEZAR GAUDENCIO DA SILVA.

MACEIÓ

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Amara M^a Marques, que me ajudou e apoiou todo o percurso da minha vida. Que foi meu braço direito e minha base em toda a trajetória durante a graduação. Que me amou e nunca me abandonou. A toda a família Marques, que me apoiou de inúmeras maneiras. A tia Silvinha e tia Tita, que me abrigaram num momento crucial da jornada na capital.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou nos momentos difíceis, que me alegrou nos momentos oportunos e que nunca deixou as esperanças desaparecerem mesmo nos momentos mais complicados. Agradeço ao meu círculo de amigos (as) mais interno que me ajudou, me suportou, me assistiu e compartilhou de das angústias, sofrimentos, alegrias e experiências. Eles que faço questão de citar nominalmente: Túlio Ismael Araújo, Débora de Farias, Thayná Rodrigues e Larissa Vieira. Um grande abraço e eterna gratidão também a Júlio Cezar Gaudêncio e Jordânia Souza que muito me ensinaram e me guiaram desde o primeiro período. E ao professor Welkson Pires que foi peça importante durante as experiências de pesquisa. Ademais, a todos e todas do corpo técnico do Instituto de Ciências Sociais, colegas e professores(as) que contribuíram para a formação do profissional da educação que almejei me tornar. E a minha namorada, que eu tanto amo e que é peça fundamental na minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar a proposta do Podcast enquanto material didático para uso na Educação, alinhado a disciplina de Sociologia, trazendo suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. De modo que, percebendo seu conceito, suas características, potencialidades e desafios para os(as) professores(as), traçamos uma linha de análise tomando como norte o conceito de Design Instrucional, enquanto elemento essencial para a utilização da ferramenta dentro das práticas educacionais, a fim de enriquecer com novas dinâmicas entre docentes e discentes. Por fim, trazemos como exemplos de aplicabilidade da ferramenta, dois programas que estão em funcionamento on-line, com propostas diferentes em cada um, mas que servem para compor um leque de possibilidades a partir do podcast na educação.

Palavras-chave: Podcast; Educação; Design Instrucional; Sociologia

ABSTRACT

This work aims to present and analyze the proposal of Podcasts as teaching material for use in Education, aligned with the discipline of Sociology, bringing its contributions to the teaching-learning process. So that, realizing its concept, its characteristics, potentials, and challenges for teachers, we traced a line of analysis taking the concept as a guideline of Instructional Design, as an essential element for the use of the tool within educational practices, in order to enrich with new dynamics between teachers and students. Finally, we bring as examples of the tool's applicability, two programs that are working online, with different proposals in each one, but which serve to compose a range of possibilities from podcasting in education.

Keywords: Podcast; Education; Instructional Design; Sociology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 - Podcast: apresentação e potencialidades	11
1.1 – Tecnologia que transcende as paredes da escola e as hierarquias	15
1.2 – Seu uso oferece formas inovadoras de acesso e manipulação de conteúdos baixados	16
1.3 – Portabilidade e m-learning: a questão do tempo e espaço: aprendendo em qualquer lugar, a qualquer hora	17
1.4 – Podcast representa uma forma de inserção no mundo digital	19
1.5 – Baixo Custo e redução do volume de material impresso	20
2 - Design Instrucional: o fio condutor	21
2.1 Origem, ampliação e a contribuição das tecnologias para o design instrucional	21
2.2 Relação Design Instrucional e experiência	24
3 - Leque de possibilidades	26
3.1 - Sociologia Podcast “E-Sociologia”	27
3.2 - LICS - Fala, prof!	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge enquanto fruto da reflexão de mais de 4 anos de graduação em Licenciatura em Ciências Sociais. A culminância, de fato, de períodos de leituras, reflexões, discussões no chão da Universidade, mas também, de práticas vivenciadas na Escola de Ensino Básico, seja por projetos, seja pelos programas que me permitiram a entrada e o contato com alunos e alunas, além de professores e professoras. Toda a experiência adquirida foi, desde o primeiro momento, um estímulo a pensar em práticas educacionais para a Sociologia Escolar que pudessem enriquecer e ser incorporadas a minha formação, de modo a fazer parte de uma identidade docente, a qual estava e ainda está sendo construída no que diz respeito a minha individualidade e profissionalidade, enquanto professor.

Assim, o objetivo deste trabalho foi abordar o *podcast* enquanto material didático e formativo, analisando se o mesmo consegue se conformar enquanto ferramenta útil, válida e eficiente para o ensino de Sociologia, no contexto de sua utilização de maneira complementar, levando em consideração seu conceito, suas potencialidades e desafios para a sala de aula e para os saberes docentes, principalmente, em um contexto no qual o uso de tecnologias digitais, fazem-se ainda mais presentes em contextos educacionais. Tornando-se não apenas mais uma ferramenta aleatória a ser usada na escola, por e para professores e professoras, mas algo que gere novas dinâmicas, práticas e reflexões dentro e fora da sala de aula, uma vez que esta já não mais seja experienciada em termos de uma concepção mais tradicional da escola. Por isso, num primeiro momento está presente neste texto a apresentação dessa incrível ferramenta, em termos dos mais diferentes aspectos que a compõem, fruto de pesquisa de caráter exploratório, partindo das revisões bibliográficas tanto sobre o impacto do podcast no consumo de entretenimento geral, quanto sobre suas aplicações e adaptações aos cenários educacionais dispostos, apresentados e discutidos neste trabalho.

Ademais, justamente para transformá-la enquanto material didático, pedagógico e formativo de grandes potencialidades, alinhamos à discussão as reflexões acerca do design instrucional, que se apresenta enquanto o fio condutor para a utilização do podcast nas mãos dos/das professores e professoras enquanto ferramenta que pode agregar valores no processo de ensino-aprendizagem, mas também, de constituição de saberes. Levando em consideração métodos de análise, planejamento, aplicação e avaliação.

Por fim, diante do discutido, ao menos duas possibilidades estão exemplificadas neste texto, a fim apenas de demonstrar propostas diferentes sobre a utilização da ferramenta tanto diretamente ligada aos conteúdos da Sociologia Escolar, tanto conectada às reflexões dos/das professores e professoras do Ensino Médio, quanto a sua prática, saberes e condições de trabalho. De modo que se apresente, ainda que de maneira inicial, o leque de possibilidades que o podcast pode proporcionar para a Educação e para as Ciências Sociais em espaços escolares.

1 - Podcast: apresentação e potencialidades

Atravessar o período da graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, pisando no chão da realidade desafiadora e imponente da disciplina, convenientemente chamada de Sociologia no Ensino Médio, com certeza não é algo que deixe o indivíduo numa posição de conforto ou de conformação, por mais que em seu ser haja a presença de um cinismo avassalador. Encarar as dinâmicas de sala de aula, enxergar as diversas realidades advindas das mais diversas direções (localização geográfica, dinâmicas sociais, processos de socialização, etc.) que acabam confluindo dentro do ambiente escolar que [quase] por fundação cria seus próprios filtros e modos de modelagem do ser social, expõe o(a) aspirante a professor(a), a necessidade de se inventar e reinventar num curto espaço de tempo.

A multiplicidade de cenários experienciados de um programa e/ou projeto para outro, de uma sala/turma para outra, salvo suas similaridades, convoca-nos sempre para a necessidade de estar atentos às diferentes formas de trabalho a ser desenvolvido ao longo de um ano letivo. É importante ressaltar que as vivências dentro de programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Institucional de Residência Pedagógica (PIRP), Estágios e até o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), de modo que este, mesmo sendo desenvolvido dentro das paredes da Universidade (um tanto apartado do chão da escola), contribuíram grandemente para a minha reflexão no final do curso sobre todo o percurso atravessado. Tais experiências, proporcionaram vislumbres de posicionamentos, reflexões, falas, modos de enxergar e agir relacionados à educação, que necessitavam culminar num resultado final que pudesse acrescentar ainda mais ao meu processo formativo. Por mais complexa que fosse tal tarefa.

Sendo assim, dentre todo o arcabouço utilizado pelos(as) professores(as), incluindo as mais diversas ferramentas e metodologias, trago neste momento reflexão das possibilidades, potencialidades e desafios quanto aos usos do *Podcast* enquanto material didático e/ou mesmo formativo, a partir das diversas dimensões que constituem os cenários de atuações profissionais docentes. Esta ferramenta que tem mostrado um exponencial crescimento nos últimos anos no Brasil, possui elementos que podem servir de grande uso para graduandos(as), professores(as), alunos(as) e a comunidade escolar em geral, tal como minha própria experiência, permitirá exemplificar.

Entretanto, vale afirmar que a questão não é transportar tal ferramenta de maneira a introduzi-la na realidade escolar sem objetivo ou de qualquer modo. Como todo material didático conceitualmente resolvido, a ferramenta necessita de uma finalidade didática, empregada na educação enquanto produto pedagógico, atrelada ao tipo de suporte que possibilita materializar o conteúdo a ser explorado (BANDEIRA, 2009).

É nessa perspectiva que, atentando para os levantamentos de Pfromm Netto (2001 *apud* BANDEIRA, 2009), em seu livro sobre as mídias educativas, com foco na importância do emprego dos recursos tecnológicos na educação, analisamos o Podcast como ferramenta útil para a educação dentro e fora da escola.

Segundo o autor, o avanço da tecnologia possibilitaria um aprimoramento nas produções de materiais didáticos, tal como ele já percebera com os ocorridos advindos das mudanças até a data da confecção de seu livro. O fator é: tanto nas áreas de materiais impressos como nas da televisão, rádio e informática educativa, o avanço tecnológico acaba gerando novas linguagens, novas metodologias de trabalho, novas concepções, novas técnicas e novos instrumentos de avaliação (BANDEIRA, 2009, p. 15).

E é somando-se a este princípio que, a utilização e a combinação de diferentes meios e tecnologias de informação e comunicação (TIC) para o desenvolvimento de processos educacionais, permitem, além de ampliar a oferta de produtos didático-pedagógico de acordo com etapas e modelos educativos formal e informal, diferenciar o público-alvo, atender necessidades especiais e desenvolver produtos customizados (individualizados) para as diversas demandas (BANDEIRA, 2009, p.16). Deste pensamento decorre às diversas ofertas de materiais didáticos, nos seus mais variados tipos, com propostas, objetivos e alcances diferentes uns dos outros.

Dispomos de tipos de materiais didáticos que versam sobre diversos aspectos do ensino-aprendizagem, proporcionando estratégias diferentes para objetivos e alcances distintos dentro do ambiente escolar. Entre eles estão alguns exemplos que discutiremos à frente, a saber, o primeiro deles a ser mencionado são os materiais audiovisuais. Segundo Bandeira em acordo com Bettetini, o conceito de audiovisual “consiste de um produto, objeto ou processo que, ao trabalhar com estímulos sensoriais da audição e da visão, objetiva uma troca comunicacional” (BANDEIRA, 2009, p.20). Trata-se da junção de elementos que possibilitem dentro do processo de ensino-aprendizagem aquilo que está na sua base: a comunicação. O uso de recursos de áudio (trilhas sonoras, efeitos, diálogos, etc.) somado a

utilização de recursos visuais (dramatizações, animações, imagens, simulações, vídeos, etc.) constroem a ponte necessária para a aprendizagem e possibilitam a assimilação e interação dos conteúdos por parte do indivíduo de maneira multifacetada.

De mesmo modo, a questão do Ensino a Distância (EAD) no Brasil e no mundo, demandou que os ambientes educacionais se adaptassem a este novo método de ensino, que não tem o ambiente físico da sala de aula para o aprendizado e nem para o ensino, mas que por muito tempo ainda fez uso de materiais tradicionais, como os materiais impressos, típicos do ensino presencial. Estabelecido em 1996 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996), e juntamente com suas regulamentações complementares - Referencial de Qualidade para Educação Superior a Distância (MEC, 2007a) e os Referenciais para elaboração de material didático para EAD no ensino profissional e tecnológico (MEC, 2007b), o EAD teve suas bases versando sobre as condições de oferta e da produção de material didático para o mesmo, requisitando que suas propostas fossem alinhadas aos projetos político-pedagógico (PPP) de cada curso em que fosse ofertado. Isso implica nunca obrigação de análise para o PPP que desemboca diretamente nas adaptações necessárias para cada disciplina, objetivos, metodologias e avaliações de cada curso, incluindo um dos fatores mais importantes para tal: o público-alvo. Sendo assim, como afirma (BANDEIRA, 2009),

nas condições apresentadas pela documentação, diferentemente da experiência com cursos presenciais, o desenvolvimento de material didático exigirá, além da escolha de mídias, adequação ao público-alvo e às tecnologias de informação e comunicação, ou seja: “(...) há um conjunto de mídias compatível com a proposta e com o contexto socioeconômico do público-alvo” (MEC, 2007a, p. 13 apud BANDEIRA, 2009).

Pensando nesse conjunto de mídias que podem ser compatíveis com o ensino a distância, mas que não se limita apenas aos cursos em EAD, Bandeira (2009) também aborda em seu livro a questão das “novas mídias”. Unicamente pelo título, podemos refletir sobre o que ainda é considerado novo, dado a passagem do tempo entre a publicação do texto e a utilização do mesmo neste trabalho. Nele é discutido diversos meios que há 15-20 anos eram utilizados de maneira considerável dentro do ambiente de sala (e até fora dos objetivos escolares), tais como os Cd's (Compact Discs) que em muito serviram para abrigar diversos materiais audiovisuais e hiperdocumentos. Contudo, esta tecnologia caiu em desuso e rapidamente tornou-se ultrapassada conforme novos canais de informações e novos hardware surgiram no mundo. Estamos falando da expansão do uso da web e de tecnologias como

pendrives, cartões de memórias, alinhados com um acesso mais democrático da população em geral a desktops, notebooks, telefones e, mais recentemente, os smartphones.

O importante dessa informação, é que se tratando de hiperdocumentos, todas essas novas mídias (uma apropriação da pronúncia em inglês do termo em latim, no plural *media*), continuaram servindo para abrigar os hiperdocumentos, que segundo Bandeira, de acordo com Levy, trata-se da “reunião de todos os tipos de textos (incluindo sons e imagens), portanto poderia ser chamado de hipertexto que, em oposição ao texto linear, surgiu estruturado em rede” (BANDEIRA, 2009, p.23). Este possibilita a mistura de funções de leitura e escrita, emergindo assim uma interação maior entre leitor e texto, e até entre leitor e autor, de modo que permite ao indivíduo participar da estruturação do texto, “criando novos sentidos não determinados pelo criador do hiperdocumento” e comprovando “a necessidade de criar um roteiro para as novas mídias” (Idem, p.24). Apesar de proporcionar várias possibilidades e ser detentor de várias funcionalidades, atividades interativas como sugere o texto, demandam conhecimentos técnicos específicos que são quase impraticáveis na realidade de muitos professores(as) por diversas razões. Sejam elas relacionadas a tempo ou mesmo de formação técnica na área, que não existe.



Figura 1 - Pesquisa do IBOPE

Fonte: IBOPE Inteligência, 2019

Importante ressaltar que os marcadores sociais sinalizados na pesquisa (a maioria dos ouvintes são homens de classes econômicas elevadas) servem para nos mostrar um cenário de oportunidades, mesmo que o cenário inicial possa parecer um tanto desanimador, visto que a maioria dos pesquisados não ouviram ou não sabiam o que era a ferramenta. Digo um cenário de oportunidades, pois numa realidade como esta, a leitura que pode ser feita é de que há uma parcela significativa que pode ser alcançada e “abraçada”. Isto implica dizer que, apesar do podcast não ser algo que esteja instalado no cotidiano dos brasileiros, demonstra um potencial real de acomodação na rotina dos possíveis ouvintes, especialmente se tratando de alunos e alunas, como público-alvo primeiro.

E com quais objetivos os entrevistados procuram podcasts? Segundo o IBOPE, os ouvintes procuram programas com o objetivo de buscar e aprender coisas novas, além de adquirir conhecimento envolvendo assuntos de interesse, de maneira informal e descontraída, e que lhes mantenham informados, em qualquer lugar. Importante ressaltar que estes objetivos se alinham com diversão e entretenimento, uma vez que os participantes da pesquisa sinalizaram interesses em podcasts que envolvam cinema, filmes, sérios, “assuntos nerds”, temas da cultura pop em geral, além de quadrinhos, livros e músicas.

Ainda dentro dos resultados qualitativos da pesquisa, o podcast é “uma mídia consumida para ‘matar o tempo’ e concomitante à realização das mais diversas atividades”(IBOPE, 2019). Em que momentos as pessoas costumam ouvir esse tipo de material?

- Antes de dormir, quando não está fazendo nada;
- Quando está à toa, sem nada para fazer;
- No ônibus, pois dá para gastar o tempo aprendendo alguma coisa útil;
- Durante o dia, no trabalho;
- Enquanto lava a louça, cozinha, limpa a casa – sempre que está realizando alguma atividade.

Ademais, o público prefere programas que sejam eficientes, ou seja, programas que sejam curtos, mas objetivos. Isso se converte numa aproximação e apreciação de áudios curtos, de no máximo 15 minutos, envolvendo dicas e propostas de conteúdos rápidas que atuem de maneira eficiente.

Enxergando esse cenário, porque alinhar o podcast com a educação, de forma a inseri-lo no processo de ensino-aprendizagem e/ou mesmo formativo? E como alcançar tal objetivo? Vamos por partes.

1.1 – Tecnologia que transcende as paredes da escola e as hierarquias

O podcast é rico em características que por sua natureza impulsionam movimentos outros, distintos daqueles proporcionados pelo ensino tradicional nas escolas. A possibilidade de fazer uso desta ferramenta, seja dentro ou fora da sala de aula, transpassando os muros da escola e podendo fazer parte do dia a dia dos/das alunos(as), chama a uma realidade que se mostra dinâmica e necessitada de atualizações, adaptações e atenção nos mais diversos processos de socialização que impactam os indivíduos que adentram o ambiente escolar e que se soma às discussões que debatem sobre a hierarquia existente entre professores(as) e alunos(as) de modo a desmontar a ideia de um ser detentor do saber e um outro que está para ser preenchido e moldado de acordo com padrões sociais. E claro, não esqueçamos, a possibilidade de incorporação de tais recursos no auxílio a composição dos saberes profissionais docentes.

Isto pois, a depender dos objetivos do curso, professores(as) e alunos(as) podem trabalhar conjuntamente no processo de construção do saber, ajudando uns aos outros nos mais diversos aspectos referentes ao processo de ensino-aprendizagem. Moura et al (S.D.), em seu texto “PODCAST NA EDUCAÇÃO: USOS E POSSIBILIDADES”, trazem alguns exemplos de como o podcast pode ser usado tanto por discentes e docentes, quanto por diversos outros personagens do ambiente escolar. Dentre eles o programa “Correspondance Scolaire”, de Portugal, que tinha por objetivo analisar as potencialidades do uso do podcast no processo de ensino aprendizagem de uma disciplina de língua estrangeira, no caso, o Francês entre alunos(as) portugueses(as) e belgas do ensino secundário.

Outro exemplo é o projeto realizado também por Moura e Carvalho, em 2003, que tinha por objetivo utilizar o podcast na disciplina de Literatura Portuguesa “para ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem, como estudantes de cursos noturnos, que chegavam desmotivados à sala de aula, ou para alunos com um alto índice de faltas nas aulas”. Sendo assim, foram produzidos 117 episódios sobre História da Literatura Portuguesa, o Barroco, o Romantismo, o Realismo e o Modernismo, constatando-se no período mais de três mil downloads dos referidos podcasts e acessados por cerca de quatro mil pessoas, o que

demonstra uma grande aceitação por parte de seus usuários. Segundo as autoras, é “[...] uma evidência que o podcast ultrapassou os limites da sala de aula” (MOURA *et al.*, *s.d.*, p. 26). Este rompimento de barreiras físicas e estruturais, oferece oportunidades inovadoras de tratamento dos conteúdos, abordagens teórico-práticas e até mesmo de avaliação, dado que seu uso oferece formas inovadoras de acesso e manipulação de conteúdos baixados.

1.2 – Seu uso oferece formas inovadoras de acesso e manipulação de conteúdos baixados

Diante da capacidade de download dos episódios nos próprios smartphones, computadores ou em dispositivo voltados principalmente para áudio (iPod), abre-se uma flexibilidade de uso dos conteúdos baixados, uma vez que os ouvintes podem escolher quando e onde podem ouvir seus programas, podendo pausa-los e reproduzi-los quando bem desejarem.

Vale ressaltar que esses downloads podem ser feitos de maneira automática nos aplicativos, necessitando apenas de uma configuração simples que permita alertar os ouvintes sempre que um episódio novo estiver disponível e assim já o deixar salvo no aparelho. Este tipo de benefício é possível visto que os podcast em sua raiz de origem funcionam por meio do formato de distribuição de informações em tempo real pela internet, o RSS (sigla para *Really Simple Syndication*). De maneira simples, trata-se de um tipo de protocolo usado na internet para monitorar atualizações de determinados sites. É muito usado por sites de notícias e blogs, uma vez que os internautas se mantêm atualizados das novidades nesses espaços sem precisar estar acessando-os manualmente.

E como isso se converte em benefício para a educação? Os Podcasts produzidos “dentro” do ambiente escolar, seja por alunos(as) e/ou professores(as), podem chegar para todo o público sem precisar de grandes esforços, uma vez que os ouvintes estiverem inscritos no programa, sempre receberão atualizações assim que elas estiverem disponíveis. Deste modo, independentemente de estarem dentro da escola ou não, todos que queiram ouvir os episódios estão com essas novidades na palma da mão.

Tendo isso em vista, esta característica do podcast ajuda a democratizar o seu acesso. Com os áudios baixados, estes podem ser facilmente compartilhados pelos aplicativos de mensagens (*WhatsApp*, *Telegram*, etc.) e pelas redes sociais, uma vez que os arquivos são pequenos (já que se trata apenas de áudio), além de que, parte considerável da população no

Brasil não possui acesso à internet banda larga¹, tendo como meio de acesso, na sua maior parte, os smartphones². O que dificulta o acesso pleno a todas as possibilidades e ofertas da internet, o que acaba excluindo o indivíduo digitalmente.

1.3 – Portabilidade e m-learning: a questão do tempo e espaço: aprendendo em qualquer lugar, a qualquer hora

Se podemos correlacionar o ato de poder ter arquivos baixados com alguma palavra, essa é a portabilidade. E essa palavra está diretamente ligada com a origem do podcast, mais especificamente, com o dispositivo que lhe deu as características que vemos hoje: o iPod. Lançado pela gigante americana Apple, o aparelho apareceu no mercado em 2001, com a proposta de ser um reproduzidor de MP3 portátil e que acabou se tornando o mais famoso no mundo no seu segmento. E o que ele tem a ver com o podcast? O termo podcast vem da junção iPod + Broadcast, este último que significa transmissão em inglês. Sendo assim, temos programas de transmissão, que em tese seriam exclusivamente ao vivo, mas que agora poderiam ser gravados e baixados no aparelho da Apple. O que implica na capacidade de ser levado e ouvido para e em qualquer lugar, a qualquer momento.

¹ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018 divulgada em abril de 2020 pelo IBGE, demonstra que 1 em cada 4 brasileiros não possui acesso à internet. Em números mais precisos, isso representa 46 milhões de brasileiros que não têm acesso à internet. (TOKARNIA, Um em cada 4 brasileiros não têm acesso à internet, mostra pesquisa | Agência Brasil, 2020)

² Os smartphones são o principal meio de acesso à internet da população brasileira. As informações são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

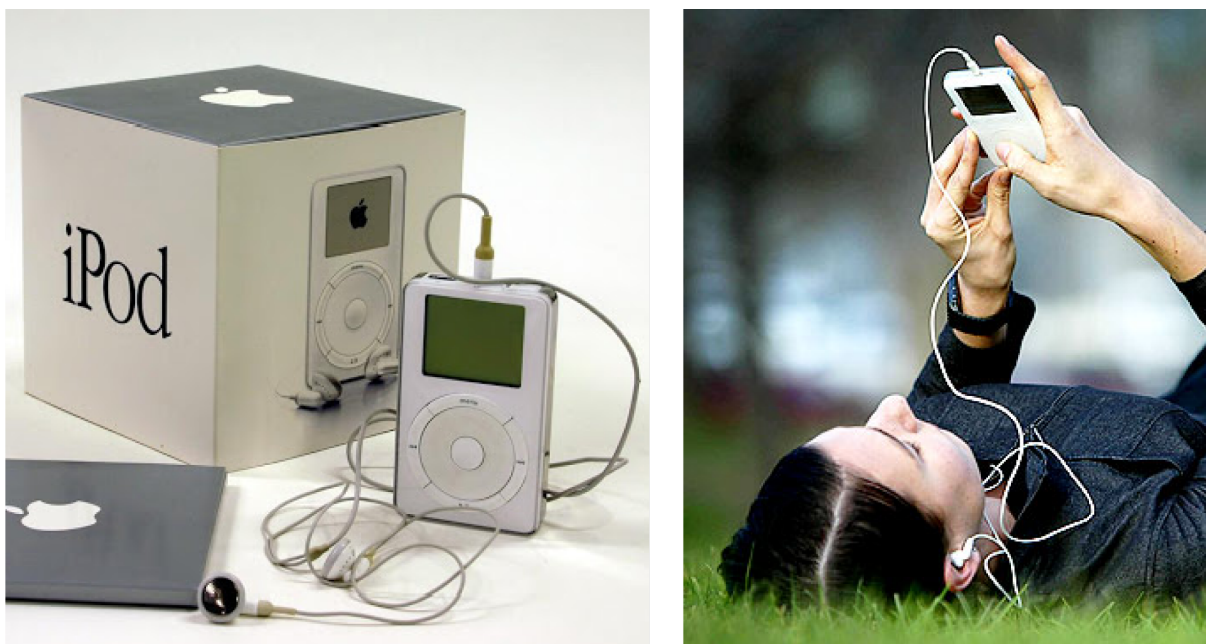


Figura 2 – iPod

Fonte: Google

E apesar de atualmente o aparelho ter sido descontinuado pela empresa, uma vez que os smartphones cumprem a mesma função e outras tantas agregadas num único aparelho, a ideia de portabilidade se mantém intacta, apenas aperfeiçoada em termos de modificações. É quase impossível não adentrar numa sala de aula situada nas mais variadas realidades educacionais, geográficas e econômicas, e não se deparar com parte (até boa parte) dos discentes com acesso a um smartphone. Seja próprio ou dos pais e/ou responsáveis, seja dentro da escola ou fora dela, aparelhos Android e iOS estão presentes em todos os espaços³.

Tendo isso em vista, como nos diz Moura et al (s.d., p.12), é possível agregar as características do podcast com a relação espaço-tempo no método de m-learning, de modo que este tem

por finalidade maior uma educação anytime/anywhere. Daí pensarmos no podcasting para quebrar esta barreira de tempo e espaço, onde seus usuários não precisam estar em um espaço físico específico, como a sala de aula, podendo receber o conteúdo referente a seu estudo através do celular, a qualquer momento, inclusive durante seu deslocamento de casa para o trabalho e vice-versa, gerando assim uma condição de portabilidade.

³ “A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras (TIC Educação 2017), divulgada esta semana, mostra que o percentual de professores que utilizam o celular para desenvolver atividades com os alunos passou de 39% em 2015 para 56% em 2017. O aumento aconteceu tanto nas escolas públicas, onde o percentual passou de 36% para 53%, quanto nas particulares, crescendo de 46% para 69%.” (TOKARNIA, 2018)

Até aqui é possível descrever muitos dos benefícios em relação a todos os elementos relacionados às propostas de transcender a produção de conhecimento para além da sala de aula, contudo, deve-se levar em consideração o fato de que há uma gama de professores que necessitam de apoio técnico para poder manusear os equipamentos e meios necessários para que todas as possibilidades apresentadas pelo podcast (e outras ferramentas) possam ser utilizadas apropriadamente.

Moura et al (s.d) argumentam que, inovação tecnológica não significa inovação pedagógica, seguindo a mesma linha de raciocínio, estas inovações de pouco vão servir se com elas não caminhar junto o suporte aos/as professores(as) para que possam dominar tais meios. Cursos de formação continuada, além do contato entre Academia e Escola, tornam-se fundamentais para a superação deste desafio.

1.4 – Podcast representa uma forma de inserção no mundo digital

O podcast, igualmente, abre portas para a inclusão digital daqueles indivíduos deficientes visuais. Estes que, por incontáveis vezes encontram demasiadas dificuldades no que diz respeito ao acesso a obras, artigos e livros, que os proporcionem acesso ao conhecimento, podem encontrar no *podcasting* uma via de solução (MOURA, et al, s.d, p. 6).

Atualmente, nota-se a crescente oferta de programas de *audiobooks* que possibilitam a leitura das mais variadas obras sem ter que procurá-las em braile. É uma alternativa extremamente viável e interessante que promove benefícios significativos para todos os níveis de educação, seja qual for a disciplina. Os programas de podcast, quase que numa mesma via, além de poderem agregar tudo que os *audiobooks* detêm, enquanto características, também podem extrapolar para as vias de exploração, discussão e revisão dos conteúdos, uma vez que transpassa a dimensão da leitura por si mesma.

Vale também ressaltar que a tecnologia do podcast permite trabalhar o primeiro sentido desenvolvimento pelo ser humano ainda dentro do ventre da mãe: a audição. De acordo com Moura, et al, s.d., p. 13 , a audição é “muito importante na captação do que provem do mundo externo”, afinal de contas é por esse estímulo que conseguimos associar a escrita a sons, e conseqüentemente poder acessar o conhecimento.

1.5 – Baixo Custo e redução do volume de material impresso

Outro ponto positivo é de extrema relevância para as escolas públicas brasileiras, é o fato de que o podcasting é de baixo custo. Ou seja, desde sua gravação, produção e publicação, todo o processo é feito com o mínimo de gastos possíveis.

A grande maioria dos telefones Android e iOS possuem aplicativos de gravação de som gratuitos que podem ser usados sem grandes dificuldades pela comunidade escolar (e em geral). Os indivíduos podem fazer uso de programas de edição que também disponibilizam ferramentas de publicação de maneira gratuita (Anchor). Como também podem utilizar outras plataformas e programas dentro de computadores Windows. Programas como Audacity, DaVinci Fairlight, Kdenlive, proporcionam aos usuários ferramentas de edição que atendem tanto edições simples, como pequenos cortes, inserções de músicas, seleção de trechos específicos de áudios, etc, quanto edições mais complexas, entrevistas com 2-3 ou mais convidados (onde há várias vozes), *fade-in* e *fade-out*, remoção de ruído, ajuste de volume, tom de voz, sobreposições, entre outras coisas. De mesmo modo, plataformas como Anchor, SoundCloud, Spotify, entre outras, permitem a publicação dos episódios de maneira gratuita, ainda que uma ou outra tenha suas limitações, as opções gratuitas acabam suprimindo a demanda.

O ato de estimular o uso de outras alternativas, que incitem ainda mais a criatividade, o interesse e o sentido para/e os/dos alunos(as) e professores/as, pode acarretar noutra visão em relação às disciplinas, a escola, o conteúdo e os próprios docentes. Inclusive, com o aumento da utilização de alternativa enquanto ferramenta didática e/ou formativa, incluindo o podcast, pode haver uma inclinação para uma diminuição dos materiais impressos, estes que são os mais tradicionais a serem utilizados em sala de aula e em cursos de formação continuada, desta forma, permite-se reduzir ainda mais os custos para os bolsos dos(as) professores(as) e da própria escola.

2 - Design Instrucional: o fio condutor

Levando em consideração o conceito de material didático que já discutimos neste texto, neste momento um elemento entra em cena incorporando o papel do fio condutor que mencionamos anteriormente, este é o design instrucional. E o que seria isto na prática? Segundo Bandeira, “o design instrucional fundamenta-se em uma proposta de desenvolvimento de produtos instrucionais articulando forma e função, com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais propostos (FILATRO, 2007, p. 56)”, de modo que, ainda segundo a autora, trata-se de uma

ação intencional e sistemática de ensino, que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a utilização de métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais em situações didáticas específicas, a fim de facilitar a aprendizagem humana a partir dos princípios de aprendizagem e instrução conhecidos. (FILATRO, 2007, p. 64 - 63) (p. 36)

Nesta abordagem, as autoras consideram o design instrucional

como o planejamento do ensino-aprendizagem, incluindo atividades, estratégias, sistemas de avaliação, métodos e materiais instrucionais. Tradicionalmente, tem sido vinculado à produção de materiais didáticos, mais especificamente à produção de materiais analógicos (p.39)

Nesse sentido, o design instrucional é entendido como sendo todo o processo de planejamento que os/as professores/as precisam realizar objetivando todas as etapas que compõem o processo de ensino-aprendizado, partindo de princípios que devem seguir uma lógica de funcionamento que entre em conformação com todo o processo pensado e desenvolvido. Isto é, todo o planejamento docente, no que diz respeito a seu planejamento de atividades, aulas, provas, deve ser constituído de um encadeamento lógico de elementos que permitam o alcance tangível dos objetivos postos para aquilo que se está planejando.

A saber: 1º análise das necessidades: quais os objetivos da aprendizagem? 2º Análise dos conteúdos: que conteúdo incluir? Por quê? 3º Análise instrucional: como apresentar, trabalhar, praticar?

2.1 Origem, ampliação e a contribuição das tecnologias para o design instrucional

O termo "sistema de instrução" foi empregado por Robert Glaser em 1962, ao nomear e determinar seus principais componentes. Glaser também sintetizou o trabalho de outros estudiosos sobre o assunto e, por fim, apresentou o conceito de "design instrucional", confirmando, assim um modelo que relacionava aprendizagem e design ao desenvolvimento de instruções para o ensino (Chen, 2008, p.5 *apud* BANDEIRA, 2009)

Alinhado a isso, de acordo com Leigh (1999), a tecnologia educacional, juntamente com as teorias de aprendizagem e pesquisas sobre o comportamento (a teoria de B. F. Skinner's, *The Science of Learning and the Art of Teaching*, foi publicada em 1954) e a psicologia humana (teorias behavioristas), tiveram influência considerável na prática educacional, o que repercutiu no entendimento daquilo que se chamava design instrucional entre 1950 e 60.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o entendimento do design instrucional foi marcado pela ênfase no planejamento do ensino. Sendo assim, tiveram início esforços para a constituição de um campo de estudos a partir das contribuições das propostas cognitivistas na educação em detrimento e oposição aos behavioristas. Segundo Bandeira (2009),

Ainda, na década de 1970, instituições como a Open University (OU-UK) na Inglaterra, que, ao expandir cursos e a oferta de materiais didáticos, implementou a gestão dos processos de ensino-aprendizagem e com a divulgação sistemática dos seus resultados e métodos influenciou outras entidades com propostas na modalidade a distância ou bimodais (ROMISZOWSKI; ROMISZOWSKI, 2005, p.37).

Na década de 1990, foi a vez da sociedade americana, e posteriormente, outros países, assimilarem o design instrucional em suas práticas, de modo que, centrando os focos na tecnologia e na busca pelo desempenho no mercado competitivo, acabou gerando mudanças também no campo da educação, levando a ampliação do uso das tecnologias e a informatização crescente dos processos educacionais. Vale ressaltar que com novos meios de informação e comunicação, tais como a Internet e a hipermídia surgindo, e ganhando espaço ao lado das inovações tecnológicas, foi possível alinhar tais mídias com os métodos de aprendizagem e de instrução.

E apesar da trajetória do design instrucional ter a década de 1960 como marcador inicial, mais de 40 anos depois, a questão no Brasil ainda demonstra ser incipiente nas práticas educacionais do país. E dentre as questões discutidas na época, a questão da formação profissional para o design instrucional tornou-se evidente, onde encontramos uma realidade na qual o trabalho de desenvolvimento dos materiais que teoricamente seria relacionado ao design instrucional, fornecidos e apresentados para o público da EAD, praticamente não existia. Sendo assim, delegados aos web designers, responsáveis pela operacionalidade dos meios e propostas lançadas na época, estes profissionais não dominavam o caráter pedagógico necessário que era, e ainda é, demandado para o alcance e desenvolvimento dos objetivos didáticos pedagógicos. O que poderia resultar na necessidade de uma equipe multidisciplinar para a confecção de materiais didáticos nesse sentido, mas que cria um certo distanciamento do quão tangível a proposta poderia ser em relação, principalmente, às escolas que não detém profissionais habilitados, programar e desenvolver materiais, nem podem contratar serviços de terceiros, dado a realidade precária das escolas públicas brasileiras. Isto dito, os elementos necessários que poderiam levar a ampliação do campo do design instrucional e da contribuição das tecnologias para o mesmo.

Tomemos por exemplo o seguinte caso: No ano de 2014, me inscrevi em um curso de marketing no SENAC. O curso era na modalidade EAD combinado com encontros presenciais uma vez por semana. Sendo assim, o encontro era apenas para auxiliar nas dúvidas e revisão dos assuntos que eram trabalhados ao longo dos demais dias da semana. Todo o resto do curso era via plataforma de cursos EAD do SENAC. A plataforma contava com fóruns, seção para atividades, chat, grupos, área para anexo de materiais, onde os alunos e alunas tinham acesso a apostilas, planilhas, atividades, além de aulas gravadas e atividades em Java (tecnologia usada para desenvolver aplicações que tornam a Web mais divertida e útil).

Estas atividades em Java consistiam numa série de aulas gravadas, que intercalam com menus interativos de atividades. Assim que acaba o vídeo com o conteúdo, aparecia uma janela com atividades, geralmente de perguntas com respostas objetivas, onde o discente teria que clicar na resposta correta que correspondia com o que estava sendo abordado no vídeo até aquele momento. Este tipo de recurso era algo comum nos cursos à distância.

Uma das perguntas que ficam diante desta situação, obviamente, transplantando algumas das questões presentes no exemplo anterior, é em relação à praticabilidade de recursos deste tipo para a realidade educacional brasileira. Quantos professores dominam linguagens de programação? E ainda mais simples, quantos dominam o uso de informática básica, tanto relacionada a operação de computadores de mesa (*desktops*), quanto de *notebooks* e até mesmo dos próprios *smartphones*, que é figura principal no cenário atual do séc. XXI. O que levanta questões de caráter desafiante para a educação: devemos deixar a criação dos programas a cargo de um técnico em informática ou de um professor, de um técnico junto com um professor, ou de um professor habilitado tecnicamente. (MOURA, s.d., p.16). Ademais, expõe-se a necessidade da formação continuada do(a) professor(a) para uso de ferramentas que vêm se aperfeiçoando cada vez mais, ou de novas ferramentas que venham a surgir ao longo do tempo.

O levantamento dessas questões diante das percepções dos desafios enfrentados neste quesito, também impactaram e ainda impactam a relação do(a) educador(a) no que diz respeito a como o indivíduo lida e [se] adapta ao design instrucional. Isto dito, passemos as experiências vivenciadas nos processos educacionais e como elas servem para planejar, adaptar e executar as práticas.

2.2 Relação Design Instrucional e experiência

Se referir às experiências educacionais, significa abordar aquelas que são proporcionadas durante o dia a dia do processo de ensino-aprendizagem e que, por tempos, também serviram de discussão quanto a seu alinhamento junto com o design instrucional. Neste caso, a discussão gerou-se a partir da questão da experiência enquanto motor para a definição do processo do design instrucional enquanto localizado. A defesa vem por parte de Wilson (1995 *apud* BANDEIRA, 2009, p. 39?), ao incorporar a situação da experiência e da aprendizagem. Segundo Bandeira (2009),

O autor defende uma relação entre o contexto real da aprendizagem e o design instrucional, de imbricação e de desdobramento como reflexo das decisões do currículo, do curso, do ambiente de aprendizagem e do design propriamente dito.

É importante perceber que este tipo de defesa e dos resultados dos processos de ensino-aprendizagem como, meramente fruto dos elementos postos pelo autor, são muito

limitados diante da realidade complexa que é a Escola como um todo. Neste sentido, onde entram os personagens mais importantes da relação, a saber, os alunos e alunas? Será que todos os desdobramentos decorrem apenas das experiências professorais, tal como se estivesse num pedestal a parte de seu público-alvo, de modo que apenas suas conclusões e maneiras de ver o mundo são únicas e suficientes para o desenrolar de todo o processo?

É nesse sentido que as autoras Nikolova e Collis (1998 *apud* BANDEIRA, 2009, p. 40) defenderam em um artigo do final da década de 1990 a

concepção flexível de aprendizagem e de instrução, tanto na perspectiva do público-alvo quanto sob o ponto de vista do designer instrucional. As pesquisadoras defendem o potencial das redes (Internet) com o uso das tecnologias (TIC) para a concepção e utilização de módulos flexíveis, ou seja, possibilitam atender as necessidades do aluno e permitem escolhas em diferentes plataformas de distribuição.

Com a expansão do leque de possibilidades, faz-se necessário métodos de ensino e avaliação que deem conta de todos os processos implicados na relação ensino-aprendizagem. Ter propostas diversas, para públicos diversos num portfólio de vastos meios de desenvolvimento das atividades requer atenção, cuidado e os olhos bem abertos para uma multiplicidade de caminhos que se pode percorrer, levando em consideração principalmente aquilo que para muitos era entendido como a etapa final do percurso de um curso: a avaliação.

É nessa perspectiva que métodos de produção e análise se alinham dentro do design instrucional, uma vez que diante de tantas possibilidades e meios inovadores, os mesmos métodos avaliativos alinhados às concepções mais tradicionais de avaliação já não cabem mais nesse novo espaço. Isso dar-se em razão dos novos e diversos contextos a qual os personagens que compõem o ambiente escolar estão dispostos, faz-se necessário pôr em análise “público-alvo, contexto (metas), objetivos, estratégias e ferramentas de avaliação, produção do material instrucional, avaliação do desempenho do aluno e da aplicação do design instrucional” (BANDEIRA, 2009, p.41). Diante destas questões aplica-se o método de produção e análise discutido por Bandeira. Ao qual está claro que é de suma importância ter em mente que, primeiramente, produção e análise são elementos que compõem um mesmo corpo e que um não pode existir sem o outro e resultar de maneira positiva, no que diz respeito ao encadeamento de processos que estão inteiramente interligados.

Esquema didático: etapas do modelo ADDIE

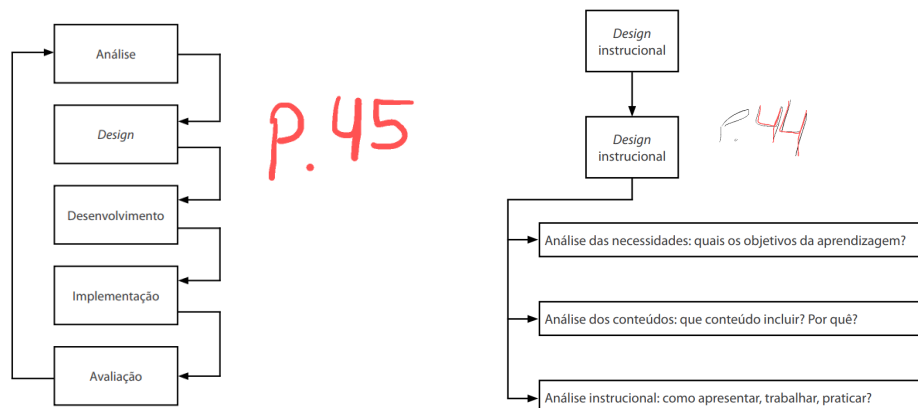


Figura 3 - Fonte: BANDEIRA, 2009

De maneira sintetizada, Bandeira traz luz a este esquema ao qual descreve os processos e elementos incorporados no desenvolvimento e aplicação do design instrucional na prática docente. Como mencionado anteriormente e descrito no esquema acima, a palavra chave para este modelo é análise. Sem ela, todo o processo poderá vir a ruína hora ou outra. Isto deve-se ao fato de que não fazer análise das etapas, elementos e processos envolvidos é retirar o elemento balizador de toda a prática planejada.

O ato de analisar está presente desde a gênese do modelo de design instrucional, o modelo ADDIE, que significa em inglês *Analysis, Design, Development, Implementation, Evaluation* (Análises, Design, Desenvolvimento, Implementação e Avaliação). Neste modelo, o primeiro elemento de toda a cadeia do processo é a análise. Este que avança, soma-se com o próximo e nesse movimento vão encadeando todos os outros. Até retornar ao ponto de início. E digo início, muito no sentido de uma comodidade linguística, embora não concorde com o termo. Uma vez que remete ao sentido de que se há um início, implica-se um fim. E na maioria das vezes o ato de avaliação vestiu a carapuça, de modo a ser percebido como etapa final e de encerramento do processo. Entretanto, os termos avaliação e análise se misturam nesse modelo, uma vez que o/a agente desenvolvedor(a) da ação está em constante estado de colocar estes termos em prática. Neste cenário, o/a professor(a) deve levar em consideração todas as partes que envolvem o ambiente escolar, desde aspectos físicos/materiais, passando por questões de logísticas, praticabilidade e até fatores relacionados ao ambiente organizacional da escola.

3 - Leque de possibilidades

Até este momento, temos diversos elementos que compõem a motivação em relação a utilização do podcast enquanto material didático, trazendo esse elemento que não nasce no berço da educação, mas que pode ser amplamente utilizado para diversos objetivos e de diversas maneiras. Ademais, para utilizá-lo, vimos que a linha de desenvolvimento do design instrucional pode analisar e avaliar, orientar e coordenar a adoção do podcast como material didático.

Particularmente gosto da ideia de se ter leques de opções para maioria, senão todas, as coisas que encaramos na vida. Ainda que algumas ideias possam ser rejeitadas por quaisquer que sejam os motivos, é sempre importante a existência de opções. Sendo assim, no que diz respeito a toda a discussão que desenvolvemos até aqui, gostaria de usar dois exemplos como opções para adaptações do podcast enquanto material didático, aplicados hora ao contexto específico das aulas de Sociologia, ou ainda, enquanto recursos valiosos, que servem de auxílio aos/as docentes na reflexão sobre suas práticas. Opções essas que versam sobre diferentes elementos, hora se aproximando, hora tendo seus próprios e únicos enfoques em determinados aspectos, de maneira que contribuem e enriquecem não apenas a discussão, mas o acervo de materiais dentro do ensino das ciências sociais no Brasil e de formação de seus profissionais, ainda que o alcance atual esteja limitado.

3.1 - Sociologia Podcast “E-Sociologia”

A primeira ideia enquanto opção a ser usada trata de um podcast chamado Sociologia Podcast “E-Sociologia”. O mesmo, teve sua estreia em maio de 2020. Segundo informações fornecidas nas plataformas de distribuição trata-se de “página para as aulas de Sociologia e outros componentes curriculares por meio de Áudio”. Tendo até a data deste trabalho 15 episódios publicados com durações em torno de 10 a 20 min. O programa tem como público-alvo estudantes do ensino básico, abordando temas voltados para os três anos de Ensino Médio e também abordagens adequadas a estudantes das séries finais do Ensino Fundamental.

Os temas dos episódios são diretamente ligados aqueles que frequentemente trabalhamos nas aulas, muitos deles podendo ser encontrados, tradicionalmente, nos planejamentos de diversos professores e professoras, tais como: Fatos sociais; Coerção Social;

Estado de bem-estar social; entre outros. O fato é que apesar dos temas tradicionais da Sociologia no ensino básico, nos deparamos não somente com uma nova forma de produção do saber, como também de compartilhamento.

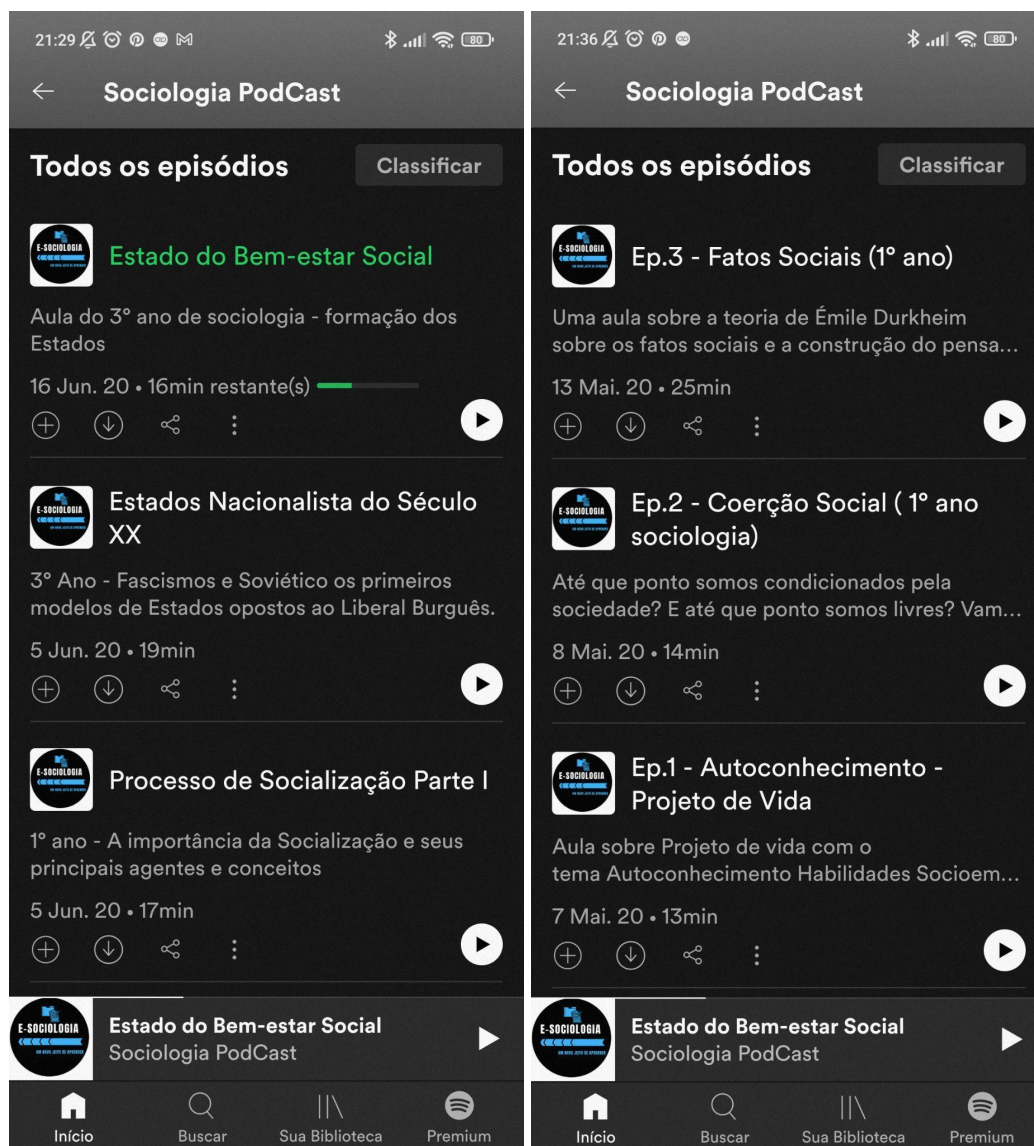


Figura 4 - Sociologia PodCast

Fonte: Spotify

Apenas para citar um exemplo, vê-se, no episódio 11 do podcast, comandado pelo professor Edísio Santana da Silva Júnior (Edísio Junior), que trata de Domínio e controle social, tema direcionado por ele para alunos e alunas do 2º ano do ensino médio, uma tentativa de condensar o conteúdo em cerca de 20 minutos de episódios. Em seu início, temos introdução a conceitos referentes ao tema, balizados pelos estudos de Gramsci sobre aparelho hegemônico, a ideia inicial é de discutir sobre controle social partindo dos meios que levam para tal, como propagandas e meios pedagógicos, a fim de convencer sobre determinadas

ideias e/ou comportamentos que devem ser absorvidos pelos indivíduos. Tendo isso em vista, o professor Edísio perpassa por diversos exemplos, tais como: propagandas de Youtube sobre serviços ou produtos e até mesmo sobre as divergências de discurso entre os Governos Federal e Estadual durante o período da pandemia no Brasil. Por fim, o episódio é encerrado com considerações finais a respeito de quebra de pensamentos hegemônicos e estímulo ao pensamento crítico sobre aquilo que chega aos indivíduos de maneira introjetada. Deste modo, podemos fazer um destrinchamento do desenvolvimento deste episódio em três momentos: 1) Apresentação e introdução dos conceitos; 2) Desenvolvimento do tema a partir de exemplos atuais e próximos dos/das alunos e alunas; 3) Encerrando com considerações finais a respeito do tema, de maneira a provocar o estímulo de atitudes dos e das discentes em percorrer o caminho da avaliação e da criticidade, que podem ser observados nas discussões sobre estranhamento e desnaturalização que discutiremos mais à frente.

Alguns desses trechos são divididos pelas conhecidas “vírgulas sonoras”, onde se insere uma música ou efeito sonoro para marcar a divisão de etapas da discussão. A atenção a detalhes como este na produção de um podcast pode fazer bastante diferença na captação da atenção dos/das ouvintes, de maneira que não gere um cansaço ou desestímulo durante a audiência do programa. Contudo, uma das coisas que deixam a desejar é a qualidade do áudio em momentos ao longo do episódio, onde há um estouro do áudio captado pelo microfone, seja por batidas indesejadas durante a gravação ou puramente por um não tratamento de áudio pós gravação, o que pode enriquecer significativamente a qualidade final do produto, tornando mais suave e fácil de ouvir e embarcar na discussão. Este último aspecto deve ser chamado atenção, pois demanda um certo conhecimento um pouco mais aprofundado de técnicas nos programas de edição de áudio, não que sejam de extrema necessidade no núcleo da coisa, mas que contribuem fortemente no entendimento e engajamento do público.

Podcasts como estes, abrem portas para que docentes de todos os lugares possam fazer uso de tal material para complementar suas discussões, adicionando elementos e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem e tornando o conhecimento mais acessível para aqueles que encontram em seu dia a dia dificuldades, seja de ordem física (cegueira ou baixa visão) ou até mesmo no domínio da leitura e do acesso a ela, mas é importante considerar o fator avaliação nesse processo, uma vez que materiais que podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem existem aos montes publicados e compartilhados na internet, livros, entre colegas. A peça fundamental neste momento é o planejamento e objetivos em relação ao

contexto ao qual o/a docente está inserido, questões de ordem financeira, tipos de conteúdo, facilidade de acesso, questões que sempre devem ser postas em pauta, (NOGUEIRA, 2012), ademais, o conteúdo utilizado deve estar alinhado de maneira planejada a ser executado em conformidade com os objetivos e conteúdos estabelecidos no planejamento, seja este elaborado de forma livre (sugestão do/da professor(a) para os/as alunos e alunas) ou impostos pelo cronograma da Escola.

Torna-se deveras importante também afirmar que abordar temas mais tradicionais como forma de adentrar espaços inovadores pode ser apenas o primeiro passo para estimular novas formas de discussão e abordagem, podendo ser alinhado com particularidades dos/das estudantes e dos/as docentes, tendo como base a análise do público no sentido de conhecer os indivíduos implicados na produção do conhecimento durante as aulas. De modo que é importante ressaltar que estes fatores se tornam elementos que compõem aquilo que pode ser entendido como competência digital dos/das professores e professoras para a educação.

É com Falcão e Moran (2020) que podemos ver uma série de paradigmas e modelos que versam sobre as competências digitais dos/das docentes, percebendo focos e nuances diferentes a depender das abordagens e de seus propositores, no entanto, é Castañeda, Esteve e Adell (2018) que definem de maneira ampla e articulada, um modelo composto de elementos correlacionados que levam em consideração a tecnologia como um instrumento ao serviço dos fins educacionais, mas também como um tipo de conhecimento e uma relação com o mundo, uma atividade humana e uma fonte de valores (de Vries, 2016 apud FALCÃO e MORAN, 2020). Tais elementos perpassam por diferentes áreas de confluência, como conhecimento em conteúdos pedagógicos digitais, buscando o aumento da relação reflexão-prática; de maneira que o/a docente passa a ser gerador e gestor de práticas pedagógicas emergentes, sendo capaz de manusear o uso das Tecnologias da Informação para envolver e expandir a relação dos/das discentes com suas famílias, somando-se o uso da tecnologia a partir de uma perspectiva balizada no compromisso social, transformando o ambiente de aprendizagem num espaço rico de conhecimentos, meios e métodos.



Figura 5 - Competências para o mundo digital

Fonte: FALCÃO, MORAN. 2020, p. 10

Agrega-se também dois elementos de extrema importância para as Ciências Sociais no Ensino Médio, presentes em documentos oficiais como as OCNs e PCNs, visando capacitar os alunos para o entendimento sobre o estudo da Sociologia tendo como norte o estranhamento e desnaturalização do senso comum. Segundo Moraes e Guimarães (2010) estranhar situações conhecidas, inclusive aquelas que fazem parte da experiência de vida do observador, é uma condição necessária às Ciências Sociais para ultrapassar interpretações marcadas pelo senso comum, e cumprir os objetivos de análise sistemática da realidade.

Ainda segundo os autores, o senso comum faz parte do modo de pensar da maioria das pessoas são noções comumente admitidas pelos indivíduos, significando o conhecimento adquirido pela humanidade a partir de experiências, vivências e observações do mundo.

É muito comum no nosso cotidiano ouvirmos a expressão: “*– Isso é natural*”. Esta expressão nos remete à ideia de algo que sempre foi, é ou será da mesma forma, imutável no tempo e no espaço. Em consequência, é por isso que também ouvimos expressões como: “*É natural que exista a desigualdade social, pois afinal está na Bíblia e os pobres sempre existirão*”. Assim, as pessoas manifestam o entendimento de que os fenômenos sociais são de origem natural, nem lhes passando pela cabeça que tais fenômenos são na verdade constituídos socialmente, isto é, historicamente produzidos, resultado das relações sociais. (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 47)

Isto é, o senso comum se caracteriza por conhecimentos empíricos acumulados ao longo da vida e são passados de geração em geração.

Estranhamento é o ato de estranhar no sentido de admiração, de espanto diante de algo que não se conhece ou que não se espera; por achar estranho, ao perceber alguém ou algo diferente do que se conhece ou do que seria de se esperar que acontecesse daquela forma; por

surpreender-se, assombrar-se em função do desconhecimento de algo que acontecia há muito tempo; por sentir-se incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade; por não se conformar com alguma coisa ou com a situação em que se vive; não se acomodar, rejeitar.

Para auxiliar esse entendimento, um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente de se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. Todos estes elementos se apresentaram na fala do professor Edísio nos minutos finais do episódio em questão de seu podcast, de modo que, como afirma Lahire (2014),

Quando lemos jornais, ligamos nossa televisão, escutamos discursos políticos, etc., nós nos encontramos diante de “resumos do mundo social”, mais ou menos gerais, que conferem uma forma a esse último, tornando-o por conseguinte compreensível pelas consciências individuais. Essas entidades, um tanto imprecisas, as quais designamos por vezes de “problemas sociais” ou de “fatos da sociedade”, e que constituem o objeto de todas as atenções públicas, são sempre meios de transformar o monstro complexo e invisível (*a sociedade*) em uma figura simples e visível. As ciências sociais têm por objetivo fazer ascender a realidades que permanecem invisíveis frente à experiência imediata. Por seu trabalho coletivo de reconstrução paciente, elas oferecem imagens particulares do mundo social, de suas estruturas, das grandes regularidades ou dos principais mecanismos sociais que os regem. (Grifos e comentários meus)

O autor discorre bastante sobre para que serve o ensino da Sociologia, pesando a tarefa complexa que é desempenhar essa função, no entanto, é com poucos minutos de dedicação as quebras de paradigmas e estímulo a reconstrução dos olhares que desenvolvemos desde a infância que dão o pontapé inicial na reflexão e na ação de desnaturalização e estranhamento do mundo. Outrora também é possível analisar do ponto de vista da aplicabilidade do discurso, em um material que não chega a 30 de minutos de duração, mas que pode enriquecer, render e fomentar discussões sobre os temas abordados pela sociologia de maneira prática e inovadora no processo de ensino-aprendizagem através da imaginação sociológica, expressão cunhada por C. Wright Mills (1982) para se referir a uma competência específica que leva os sujeitos a perceber as conexões entre as experiências individuais e as estruturas sociais, ou seja, entre indivíduo e sociedade. Nas palavras do autor, “ter consciência da ideia

da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica” (MILLS, 1982, p. 17). A expressão também é utilizada para nomear a competência fundamental que se desenha como o objetivo da Sociologia Escolar.

3.2 - LICS - Fala, prof!

A segunda foi uma ideia desenvolvida também durante o ano de 2020, o LICS - Fala, prof!. Poderia ser acrônimo para algum nome mirabolante ou de certo impacto em qualquer esfera. Mas é simplesmente LICS. A ideia foi encabeçada por mim, tendo como braços e pernas os companheiros de caminhada prof. Júlio Cezar Gaudêncio e a profa. Jordânia Souza, ambos da UFAL, com o objetivo de criar um espaço de reflexão da prática professoral, essencialmente, tendo como núcleos das discussões as falas dos professores e professoras que carregam um verdadeiro acervo de conhecimento e experiência. Principalmente balizado pelo dia a dia da sala de aula e pelo conhecimento de seu público.

Cada episódio do programa girou em torno de 1 hr de duração, tendo discussões acerca dos desafios do ensino de sociologia durante a pandemia, tanto para turmas regulares, quanto para a modalidade de Ensino de Jovens, Adultos e Idosos, além de debates sobre saúde mental dos(as) professores(as) e alunos(as), e o tendo o último episódio publicado sobre temas complexos e difíceis de serem trabalho na Sociologia, como homofobia e racismo na escola.

Cada episódio foi projetado para ser desenvolvido ao longo de 4 momentos, intercalados entre perguntas dos/das âncoras e respostas dos/das entrevistados/as. A saber:

Tema 1: Como está sendo o trabalho docente durante a pandemia?

Título - Relatos: Como está sendo o trabalho docente durante a pandemia?

Método de gravação: Discord (Craig); Método de edição: Adobe Audition; Anchor;

Publicação: Anchor

Âncoras: Arimax Marques; Jordânia Souza; Convidados/as: Débora Farias (Psicopedagoga) e Bruna Silva (Historiadora);

1º Momento: Apresentação dos âncoras, dos convidados e do tema e do projeto.

2º Momento: Condições de trabalho de cada uma; O quanto as escolas se movimentaram para fornecer apoio aos professores (Tanto da parte logística, falando de equipamentos,

plataformas, etc; quanto de auxílio pedagógico, uma vez que toda a situação foi um tanto repentina e que expôs mais problemas da educação);

3º Momento: Adaptação da prática pedagógica em relação às realidades diversas dos/as estudantes dentro de casa quando falamos de acesso a internet, auxílio dos pais, etc;

4º Momento: Encerramento do programa, agradecimento e avisos;

Tema 6: Homofobia e Racismo na escola

Título - Temas difíceis: falar de homofobia e racismo na escola

Método de gravação: Discord (Craig); Método de edição: Audacity; Anchor; Davinci Resolve. Publicação: Anchor;

Âncoras: Arimax Marques; Nádia Meinerz; Convidados/as: Ana Luiza; Hellen Christina

1º Momento: Apresentação dos âncoras, dos convidados e do tema do episódio;

2º Momento: Porque é urgente e ao mesmo tempo difícil para o professor de sociologia abordar esses temas.

3º Momento: Experiências de constrangimento e o que esses tempos de polarização política reservam aos professores

4º Momento: Lições aprendidas e o lugar do cientista social na interrupção de processos autoritários.

5º Momento: Encerramento do programa, agradecimento e avisos.

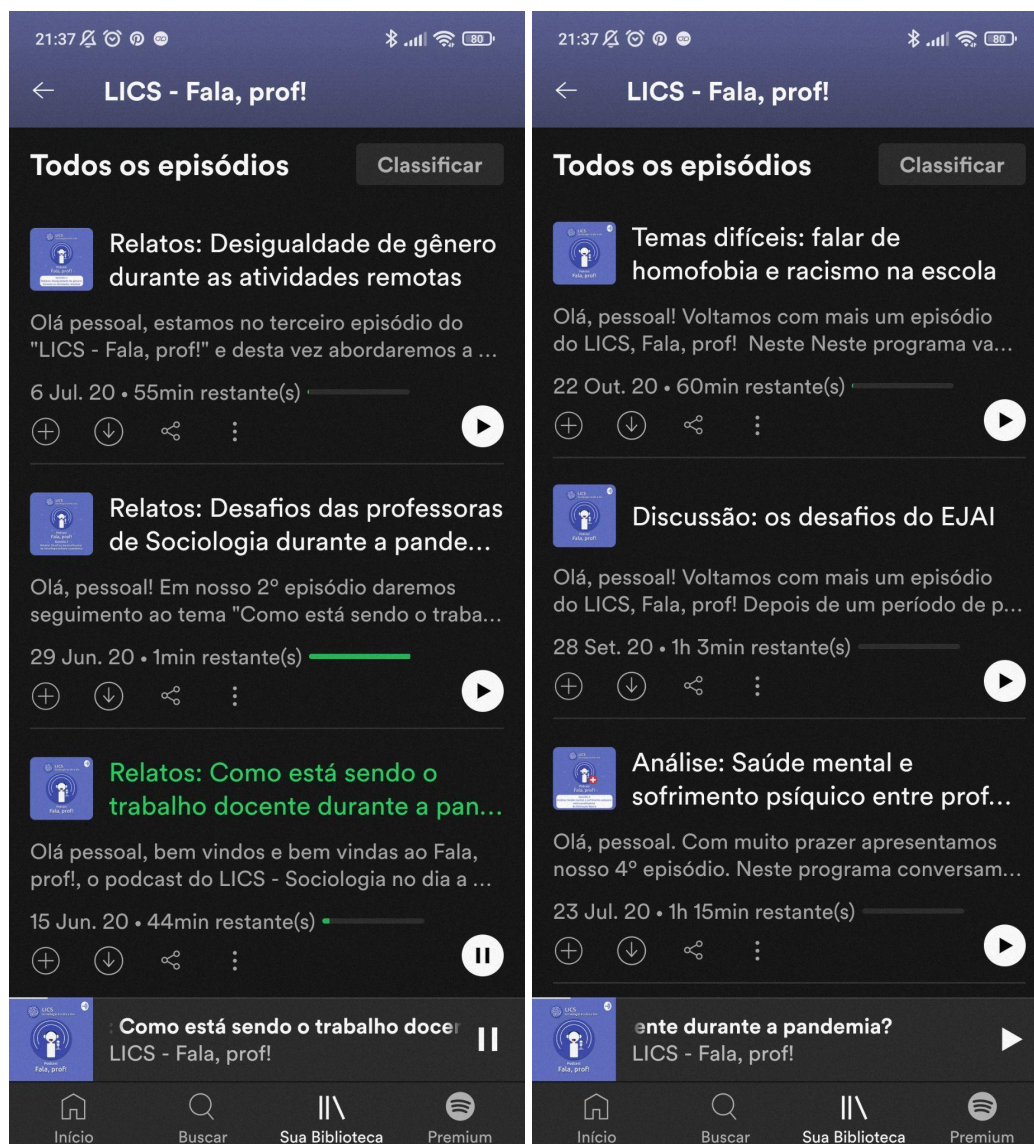


Figura 6 - LICS - Fala, prof!

Fonte: Spotify

Em todos os episódios tivemos participações de professores e professoras do ensino básico contribuindo imensamente com suas falas acerca dos temas. Como âncora do programa, eu sempre estava presente junto com um dos outros dois propositores do programa. As discussões um tanto mais longas do que o podcast E-Sociologia, serviam para que os professores pudessem desenvolver suas argumentações de maneira a focar na explanação ampla do conteúdo mais do que limitar-se a poucos minutos. Propostas diferentes, execuções diferentes.

Estas discussões mais alongadas, serviam também para desenvolver os argumentos de maneira clara e o mais completa possível, no entanto, tal como é sugerido no nome do

programa, a ideia é de fato ouvir os/as professores e professoras no que diz respeito a seu cotidiano, desafios, possibilidades e superações. É com Tardif (2014) que entendemos que algumas características do trabalho dos/das docentes são intrínsecas e quase que inegociáveis diante da realidade do ensino. A saber: a primeira das características diz respeito à questão temporal do/da professor(a) em relação a seu trabalho, tendo três esferas que compõem este primeiro sentido, sendo a própria trajetória escolar como um fator marcante no desenvolvimento de seu trabalho; alinhado aos primeiros momentos de seu trabalho em sala de aula pautados por tentativas e erros; e por fim, todo o processo do/da profissional da educação ocorre de maneira extensa ao longo da sua vida, atravessando esferas identitárias e dimensões de socialização profissional.

Tardif também afirma que os saberes profissionais dos/das professores e professoras são de carácter plural e heterogêneo, uma vez os conhecimentos assimilados pelos/pelas profissionais advêm de diversas fontes (experiência compartilhada com outros(as) profissionais; experiência própria de ensino; estudos durante a graduação; saberes curriculares; etc). De mesmo modo, também se utilizam de diversas técnicas e teorias a serem utilizadas de maneira adaptativa conforme a necessidade que se apresenta; desembocado numa pluralidade de objetivos, desenvolvimentos e competências a serem alcançados por parte de seu público através de sua mediação.

Seguindo esta linha de pensamento, caracteriza-se também o trabalho personalizado e situado dos/das professores(as). Primeiro, se deve ao fato de toda a conjuntura ser um alinhamento de cognição e conhecimentos técnicos, mas também de impacto enquanto ator social presente no contexto educacional. Sua personalidade, emoções, corpo, cultura, etc, fazem seu trabalho ser quase que único, de indivíduo a indivíduo, como também direcionado para seu contexto específico ao qual está inserido.

Na culminância destas características, encontramos mais uma que resulta de todas as demais, o trabalho docente marcado pelos seres humanos que o compõem. Tanto pelo fato das individualidades se afluírem, quase que de maneira única como fruto das interações destes indivíduos em relação aos elementos de socialização, especialmente num ambiente tão controlador e modelador quanto escola, orientando assim o trabalho professoral na busca de conhecimento profundo de seu público podendo proporcionar elementos outros para além dos despejos nas vidas dos/das alunos(as). Tanto pelos componentes éticos e emocionais que envolvem o ambiente e seus personagens na relação aluno(a)-professor(a), estimulando no(a)

professor(a) um conhecimento de si, pondo em xeque aquilo que o constitui, como também sua maneira de ensinar. Ademais, segundo Tardif (2014)

os alunos são seres humanos cujo assentimento e cooperação devem ser obtidos para que aprendam e para que o clima da sala de aula seja impregnado de tolerância e de respeito pelos outros. Embora seja possível manter os alunos fisicamente presos numa sala de aula, não se pode forçá-los a aprender. Para que aprendam, eles mesmos devem, de uma maneira ou de outra, aceitar entrar num processo de aprendizagem. Ora, essa situação põe os professores diante de um problema que a literatura chama de motivação dos alunos: para que os alunos se envolvam numa tarefa, eles devem estar motivados. Motivar os alunos é uma atividade emocional e social que exige mediações complexas da interação humana: a sedução, a persuasão, a autoridade, a retórica, as recompensas, as punições, etc.

Adiciona-se a essa reflexão do autor o fator transcendente ao espaço físico (no mínimo), ao qual os/as professores e professoras se deparam hoje: a pandemia. Isto ergue-se enquanto um novo desafio, visto que, do ponto de vista da motivação e da aceitação de entrar nessa roda do ensino-aprendizagem por vias remotas, torna-se quase imensurável a montanha que se deve escalar para que, partindo do/da docente, encontre-se um ponto de convergência com seus educandos.

Dito isto, apesar das duas propostas aqui sinalizadas terem caracteres distintos, elas fazem parte de um leque de possibilidades que nos chama a refletir sobre os modos como a adaptação do podcast, como material didático, mas também formativo, pode tomar corpo no processo de ensino-aprendizagem. Vale a partir deste ponto, testar configurações, sejam completamente novas ou até mesmo adaptações de outras, para que possamos ter uma base sólida de pesquisa, design e aplicação, no que diz respeito ao podcast.

Expandir esse leque torna-se trabalho não apenas dos/das professores e professoras, mas chama também para a possibilidade de integração e ajuda mútua entre todos aqueles que compõem a comunidade escolar. Ora, por quais motivos alunos e alunas nascidos na era digital não poderiam contribuir com suas habilidades com os gadgets contemporâneos na construção do saber junto a seus/suas docentes?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de trazer o *podcast* para dentro da Educação e transformá-lo numa ferramenta pedagógica tornou-se um desafiante estimulante, principalmente ao tentar alinhar a proposta ao ensino da Sociologia. As discussões aqui apresentadas são apenas os primeiros passos para adequar uma ferramenta de tanto potencial aos novos cenários educacionais que se apresentam, mesmo antes do mundo pandêmico e mais forte ainda nele, visto a quantidade e qualidade dos materiais que versam sobre o podcast enquanto material didático ou ferramenta digital que pode nos auxiliar, enquanto professores/as, de diferentes formas, bem antes do quadro atual do mundo em 2021. Mesmo que em alguns momentos o nome *podcast* não esteja escrito a princípio, consideração de ferramentas audiovisuais, que por vezes se assemelham em suas propostas, já marcam presença há tempos.

E é na perspectiva de somar todos os seus benefícios e potencialidades à educação que este trabalho foi disposto, enquanto forma de pontapé inicial para uma discussão que requer muito mais do que estudos de artigos, livros e possíveis conjecturas. Superação de deficiências, integração da comunidade escolar, redução de custos, e estímulo à inovação pela via didático-pedagógica, fazem parte do conjunto de elementos possíveis no leque de possibilidades que o *podcast* nos abre, alinhado é óbvio, a uma linha de estratégia de análise, planejamento, execução e avaliação que os estudos sobre design instrucional nos proporcionam.

É significativamente importante pensar o design instrucional enquanto pedra angular de todo o processo de uso do *podcast* na educação. Os modelos de análises propostos e os nortes para formas de implementação separam o uso banal da ferramenta enquanto “apenas mais uma” no ferramentário do/a professor/a e/ou à disposição deste/a, da sua utilização enquanto material pedagógico e/ou formativo eficiente, rico de possibilidades e agregador de movimentos e dinâmicas outras na relação professor(a)-aluno(a), professor(a)-saberes. Tendo isso em vista, podemos pensar nesses elementos enquanto *refresh* para a educação escolar, levando em consideração os novos contextos, os novos públicos e as novas conformações daquilo que entendemos enquanto Escola.

Por fim, diante disso tudo, precisamos mergulhar no dia a dia de professores(as) e alunos(as) para experimentar e testar possibilidades. Os exemplos trazidos no capítulo 3 são apenas a ponta daquilo que pode ser um iceberg profundo. Por meio do qual pode-se descobrir formas de análises, de trabalho, de implementação, avaliação e auxílio diversas a serem estudadas e compartilhadas com aqueles e aquelas que fazem parte do universo da educação.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, D. (2009). Materiais Didáticos. Curitiba, PR: IESDE.
- BRASIL. MEC/FNDE. Catálogo do PNLEM 2007a. Documento eletrônico. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/pnlem/index2.html>>. Acesso em: ago. 2021
- _____. Comissões. Junho de 2007b. Disponível em: <www.senado.gov.br/web/comissoes/CE/AP/PDE/AP_04_CNI.pdf>. Acesso em: fev. 2021
- MILLS, C. W. A imaginação sociológica. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MOURA, A., CARVALHO, A. A., MENTA, E., & BARROS, G. (s.d.). 4 PODCAST NA EDUCAÇÃO: USOS E POSSIBILIDADES.
- NOGUEIRA, Mônica Lopes. Questões referentes à elaboração de materiais didáticos: a experiência CEAD-UNIRIO. PUC/RIO. In Reflexões sobre elaboração de material didático para a educação à distância. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012, p. 101-130.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- TOKARNIA, M. Celular ganha cada vez mais espaço nas escolas, mostra pesquisa | Agência Brasil. Disponível em Agência Brasil: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-08/celular-ganha-cada-vez-mais-espaco-nas-escolas-mostra-pesquisa>>. Acesso em: fev. 2021
- TOKARNIA, M. Celular é o principal meio de acesso à internet no país | Agência Brasil. Disponível em Agência Brasil: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>>. Acesso em: fev. 2021
- TOKARNIA, M. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa | Agência Brasil. Disponível em Agência Brasil: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>>. Acesso em: fev. 2021

LINKS

<<https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/13-dos-internautas-brasileiros-nao-sabem-o-que-e-podcast/>> Acesso em: jan. 2021.

<<https://gente.globo.com/o-consumo-de-podcasts/>>. Acesso em: jan. 2021.